



Entrevista

O sonho de ser Engenheiro

Comecei a estudar no Colégio Acreano, no centro da cidade de Rio Branco, no Estado do Acre em 1964. Depois de terminar o ginásio (correspondente hoje às quatro últimas séries do primeiro grau), você podia escolher se iria para o Científico, se seria Técnico em Contabilidade ou se iria para a Escola Normal. Havia somente essas três opções em nosso Estado. Não tinha nada de curso profissionalizante. Então, fui para o Científico. Lá me dei muito bem. Tive muita sorte naquela época, porque com a criação, pelo governo do Estado da empresa ACAR-Acre, veio para cá uma leva grande de

engenheiros, dentre eles: Vanglésio, Rego, Daakar, Kleber, Geraldo, Gustavo, e outros, sendo que alguns deles dedicaram-se também à docência.

Assim, logo no primeiro ano do científico (1968), foi uma revolução para o Colégio, porque era a primeira vez que esses profissionais foram dar aula lá. A partir dali, comecei a criar gosto pela área, não especificamente da matemática, mas da física, que eu gostava muito.

Quando terminamos o Científico, em 1970, a Universidade, só oferecia praticamente a faculdade de direito. Depois, começou o curso de economia, em 1971. Mas, quem já optou pela área de exatas, durante três anos, cultivando aquela



Prof. Valmir Saraiva de Oliveira

ideia, não tinha afinidade com aquelas áreas. Meu sonho, então, passou a ser fazer engenharia. Não só meu, mas de alguns outros colegas.

Eu não tinha recurso para sair de Rio Branco. Mas o pessoal me incentivou dizendo “vamos, vamos, vamos, vamos”. O que é certo é que eu peguei um ônibus daqui para o Rio de Janeiro e passamos uma semana pra chegar lá. Uma situação muito difícil. Fiquei ali no Rio, na Pensão da Norma, por quatro meses, onde gastei os últimos trocados.

Por já ter sofrido muito na casa de parentes, casa de tia, apesar de eles terem me dado todo apoio, a casa dos outros quando você é menino é “brabo”, resisti o quanto pude. Isso porque existia um convite de um primo, para que se eu quisesse ir para a casa dele, por conta dos estudos, ela estava à disposição. Assim, um dia, quando só tinha o dinheiro da passagem de ônibus do Rio de Janeiro para Recife, não tive dúvida, embarquei pra lá.

Fui para a casa do Antonio Carneiro, meu primo. Agradeço muito a ele por tudo o que tenho ou fiz. Ele foi meu segundo pai, especialmente pelo apoio que me deu. Cheguei lá em agosto de 1971. Comecei a procurar lugar pra trabalhar. Fiz um concurso em um banco e comecei a estudar pra fazer o vestibular no fim desse mesmo ano. No vestibular, passei, e até passei bem. Ainda guardo o jornal com a relação dos candidatos aprovados. Eram 660 vagas para a área de exatas. Naquele tempo era assim: eram 11 turmas de 60 alunos. Eu classificado em 81º lugar. Estudei engenharia naquela cidade nos anos de 1972, 1973 e até a metade de 1974. Do segundo ano de curso em diante as disciplinas já passavam a ser numa área específica, então passei a cursar Engenharia Civil.

Paralelo a isso eu continuava a trabalhar no banco até que em março de 72 surgiu uma oportunidade para eu trabalhar na Empresa aérea chamada de Cruzeiro do Sul; onde esse meu primo era gerente de aeroporto. Passei então a trabalhar no aeroporto. Durante esses quase dois anos e meio minha rotina era a seguinte: pegava o ônibus 6 horas da manhã, ia pra faculdade, estudava, depois, “pegava o bandeirão no (restaurante universitário) RU”, e tinha que correr pra pegar dois ônibus, para estar no aeroporto à uma da tarde. Quando foi no terceiro ano, em 1974, no primeiro semestre, comecei a ter problema, porque passou a ter aula de manhã e à tarde; as aulas práticas eram à tarde. Os professores nunca me importunaram por conta da vestimenta, até que um belo dia, quando pedi licença

pra fazer uma aula no CECINE, no *Campus* Universitário de Recife, onde a gente começou os estudos sobre hidráulica, com as instalações de um banheiro, ao terminar uma das aulas, estávamos dentro dos esgotos. A maioria dos colegas estava de calça jeans, e eu com a farda da companhia aérea Cruzeiro, numa situação difícil, pois usava a mesma calça para ir à faculdade e trabalhar. Como dizíamos na época: todo “lascado”. A partir daquele momento, vi que tinha alguma coisa que não estava funcionando a contento. Eu não ia dar conta, porque, a partir dali, as aulas iriam acontecer nos dois horários mesmo. Iam começar mais e mais aulas práticas, e eu, trabalhando, não tinha condições de frequentá-las. Então, no segundo semestre letivo, tranquei o curso.

Nesse mesmo ano, a Cruzeiro abriu uma filial em Rio Branco e meu primo foi convidado para ser o gerente geral. Logo em seguida ele me fez uma consulta: “Valmir, já que tu trancaste a faculdade, você poderia gerenciar o aeroporto para mim, lá em Rio Branco?”. Mesmo sabendo da complexidade do serviço eu concordei em voltar. Cheguei aqui dia 26 de setembro de 1974, e a sucursal foi aberta dia 01 de outubro, quando comecei a gerenciar o aeroporto.

A opção pela Matemática

Procurei a Universidade aqui, verifiquei que nessa época o único curso que se encaixava com o que eu tinha afinidade era o de Matemática. Então, ainda em 1974, me inscrevi no vestibular e passei em primeiro lugar para o curso de Matemática, apesar de ter feito as provas numa “ressaca braba”. Fui manchete de um jornal local. No dia seguinte publicaram: “aluno passou mal por causa do vestibular”. Evidentemente a situação não ocorreu por conta das provas.

Logo que começou o curso tive um apoio muito grande do professor João Batista Nogueira, o Batistão. Ele foi um professor de “primeira linha” para mim. Me “abraçou” como aluno e logo pude contar a ele sobre a minha vida acadêmica em Recife.

Algumas matérias que eu havia cursado na Engenharia foram aproveitadas. Houve problemas de carga horária porque aqui a maioria das disciplinas era de 90 horas e eu havia obtido créditos em disciplinas de 60 horas.

No final de 1976, chegou aqui o professor Zé Vicente depois de ter obtido o mestrado. Antes, tinha chegado também o professor Odonias, também havia

tentado terminar o mestrado em Matemática. Esse professor e o professor João Batista Sobrinho foram morar perto de mim. A gente se dava muito bem e isso fez com que o Odonias me elogiasse para o Zé Vicente. Um episódio que terminou por estreitar a minha relação com esse importante professor foi o seguinte: numa das provas sobre variáveis complexas havia uma questão para mostrar que $|z_1 + z_2 + z_3| \leq |z_1| + |z_2| + |z_3|$. Eu encontrei uma forma de resolver o problema, acoplando aqui, separando ali, e acabei justificando a desigualdade. Depois de cobrar o resultado da prova o professor me disse que eu havia errado somente uma questão. Eu retruquei e lhe disse: “não errei nenhuma não, nem aquela questão, eu vou mostrar como eu acertei”. Fomos eu o Odonias e ele para uma sala de aula e mostrei a eles como que tinha resolvido a questão. Ele concordou com a resposta que dei dizendo que eu estava certo. Depois recebi a prova, que tinha recebido um traço na questão e colocado um “C” por cima. A partir dali, o Zé começou a me considerar. Ele foi uma pessoa excepcional porque, ao invés dele ter ficado retraído por ter outro professor intervindo, ele começou a me adorar. Isso foi em 1977.

Minha vida de aluno foi meio atribulada porque paralelo a ela eu trabalhava na Cruzeiro, dava aula num colégio e ainda tinha um cursinho pré-vestibular, junto com os professores Ribamar e Neubes. Era uma correria só! Fui dono do “Radical” e do “Nobel”, dois cursinhos antigos. Eu e o Ribamar éramos donos do Radical e o Neubes dava aula. Quando o Ribamar saiu para o mestrado, eu continuei tomando de conta do cursinho, isso em 1979. Depois, o Ribamar não conseguiu passar no teste de aptidão do mestrado e voltou com toda a família. O reitor, que era o Áulio Gélío, não perdoou e o demitiu da Universidade. Ele ficou numa situação difícil; então, falei a ele que podia ficar com o Radical. Depois eu e o Neubes, ficamos sócios e fundamos o Nobel.

O magistério superior

Formei-me, juntamente com a senhora Laura Maia, a Solange Delgado, esposa de Zé Vicente e o Sérgio Fuchs, em 1978. Logo em seguida, através de um convite, participei de um concurso simplificado para dar aula na Universidade, que também exigia o currículo vitae e uma entrevista. Foram duas vagas. O professor Reis Sobrinho foi contratado junto comigo, só que para a área de Estatística. Nesse

tempo o Departamento era muito pequeno, o corpo docente era eu e os professores Marilda, Zé Vicente, Aroldo, Aldair, Odonias, Batistão e José Reis, me perdoe se falta algum. Éramos uns sete professores, aproximadamente. Os professores que estavam aí, no geral, vinham de fora do estado e usavam a Universidade como um trampolim para fazerem pós-graduação. Na maioria dos casos eles vinham, ficavam um ou dois anos aqui e saíam pra fazer mestrado. Nisso, “carreguei muito piano”.

Com o passar do tempo nós fizemos outro concurso e contratamos os professores Antonio Carlos, Marquinho (que era irmão do professor Zé Vicente), Elizete Domingo e Neuza (sua irmã).

Em 1980, houve um problema sério no Curso. Com a implantação da Lei 5692 percebemos que o Brasil não queria cientistas, e sim trabalhadores braçais, ou seja, criavam o curso de ciências, extinguíam os cursos de matemática, física e química, criavam o curso de ciências para o pessoal atuar em nível de Primeiro Grau, e, lá na frente, criavam as habilitações. Então, você ficava com uma licenciatura curta, de 2 anos e meio, e mais 2 anos para habilitação em uma dada área. Na nossa Universidade isso funcionou somente com duas habilitações: Biologia e Matemática.

Nós sofremos muito nesse período, porque a grade curricular tinha muitos pré-requisitos. O sistema era semestral, mas as disciplinas eram oferecidas anualmente. Era um desastre! Os cálculos I, II e III e EDO, por exemplo, eram disciplinas, encadeadas em pré-requisitos e se um aluno devesse uma delas, já era. Isso culminou com a evasão e uma retenção violentíssima. Muitas vezes uma pessoa estava interessada em fazer biologia e não queria saber desse negócio de matemática, e ficava devendo da Matemática I até a Matemática V, já tendo terminado os créditos de química, biologia e etc. Sofremos muito nessa época.

O curso só teve um desafogo quando eu e os professores Magnésio e Pedroso, trabalhamos a ideia da pré-opção que surgiu no sentido de desafogar o Curso: passou a existir um núcleo comum de disciplinas, mas o aluno fazia a pré-opção que significava que quem fazia biologia, por exemplo, não precisava fazer as cinco matemáticas, e, quem optava por matemática não fazia as cinco biologias. Foi assim que a gente deu um pouco de dinamismo ao curso, tendo as pré-opções começado em 1982, para amenizar as retenções de alunos. Esse foi um caso típico

de que “tem lei que pega e tem lei que não pega”. As que não pegam são as ruins mesmo.

Depois que comecei a dar aulas, descobri que meu forte era esse. Quanto ao método de ensino, isso depende muito de que tipo de alunos nós temos, pois dar aula em um colégio é totalmente diferente de dar aula na Universidade ou em um curso preparatório para provas de vestibular onde geralmente as pessoas são adultas.

Durante minha vida de professor, aluno já saiu do colégio me devendo ponto, porque toda vez que eu botava um aluno para fora de sala, o que era permitido naquela época, eu lhe tirava um ponto na nota. Teve aluno que saiu me devendo ponto e que até hoje não pagou, zerava nas provas e era tirado da sala algumas vezes. Essa rigidez não passa nem perto do que costuma ocorrer em aulas na Universidade ou em um cursinho com microfone e sala lotada. São experiências diferentes.

Uma experiência que sempre menciono foi a de quando assumi uma turma de cálculo no curso de Agronomia, apesar de eu estar acostumado ao ambiente e à filosofia de estudo no curso de matemática. A partir do que aconteceu nessa turma passei a refletir previamente sobre qual clientela de alunos iria receber essa ou aquela disciplina que compõem os conteúdos de um curso. Nesse caso, havia uma necessidade primeira de preparar os alunos para poder, por exemplo, falar em derivada. Uma necessidade de contextualização e explicação das relações do cálculo com a Geometria. Enfim, fazer a devida adaptação prática com o curso da agronomia que é uma forma de motivar o estudante.

Também assumi atividades administrativas na UFAC. Mas o exercício da chefia no Departamento de Matemática foi difícil. A estrutura era muito pequena. Apesar disso criamos uma série de projetos de extensão, oferecemos cursos de nivelamento para alunos do antigo 2º grau em uma salinha improvisada. Sempre tínhamos muitos alunos que ao concluir o curso recebiam um diploma. Essa nossa ideia recebia o apoio incondicional por parte da Administração Superior.

Naquela época, existiam outras metodologias e relações de trabalho. O Chefe de Departamento respondia diretamente ao Reitor. Mas todos tinham que “rezar na mesma cartilha”. Mesmo assim eu sempre tive outro emprego fora da UFAC, já que meu regime de trabalho sempre foi 40h. Não era de “Dedicação

Exclusiva”. Como o curso funcionava à noite eu podia dar aulas e, mediante a flexibilidade de horários no outro emprego, eu podia participar das reuniões na UFAC e exercer aquele cargo administrativo.

Depois que assumi o cargo, em 1979, permaneci nele por quatro anos até a troca do Reitor Áulio Gélío.

Deixando a Matemática para atuar na área de Informática

Isso pode ter começado durante a minha graduação em Matemática. Quando surgiu a Acredata, que era a Empresa de Processamento de Dados do Estado, Zé Vicente, meu professor, passou a visitar



muito o aeroporto para receber equipamentos. Numa dessas visitas, perguntei: “e aí, Zé, o que te traz aqui?” Respondeu: “é um computador que está chegando”. Aqui não se sabia nem o que era computador, naquela época.

No final de 1977, encontrei novamente com ele no aeroporto e ele me disse: “Valmir, vai ter um concurso na Acredata, e eu quero que você se inscreva”. Falei: “mas Zé, sou gerente aqui, e aqui tenho todo um respaldo para trabalhar”. Isso de fato era assim, embora o salário não fosse lá essas coisas. Mas ele insistiu, dizendo que lá o salário ia ser muito bom.

Ele era da Comissão Permanente de Vestibular (COPEVE), nesse tempo, e estava elaborando prova para o vestibular quando novamente estive no aeroporto para pegar um equipamento que tinha chegado. Quando me viu perguntou: “Cadê, tu se inscreveu?”. Falei: “me inscrevi”. Era o último dia de inscrição e menti para ele, pois eu não tinha me inscrito coisa nenhuma. Isso me deixou muito preocupado. A Maria José, minha irmã, trabalhava na Assessoria de Comunicação e era da equipe do concurso; então, naquele dia mesmo, pedi pra ela fazer minha inscrição, porque tinha mentido pro Zé Vicente e não queria que ele descobrisse e depois me procurasse. Inscrevi-me, e, graças a Deus, passei. Quando me formei, em 1978, já estava trabalhando na Acredata.

Em 1994, quando começou a surgir, dentro da UFAC, a ideia do Curso de Análise de Sistemas, eu era analista de sistema, de carteirinha e tudo. O curso foi

instalado através de professores vindos de Mato Grosso do Sul. Lá, eles tinham bem separados, os cursos de Análise de Sistemas e de Informática Pura ou Ciência da Computação. Mas aqui, por se tratar da criação de um único curso, tentamos fazer um híbrido, botando muitas disciplinas, de um e de outro.

Paralelo a isso, era preciso capacitar os docentes para dar aulas em Sistemas de Informação. E eu aceitei participar da capacitação, e acho que foi ótimo, porque descobri novos horizontes. Não sei se foi bom para a Universidade, já que eu parei de atuar na área da Matemática. Lá eu poderia chegar à aposentadoria sem precisar me capacitar mais, pois já tinha acumulado muitas experiências. Mas meu negócio sempre foi esse, de vislumbrar novas coisas, desbravar.

Quando, com 50 anos, você se dispõe a fazer mestrado, ou você é louco ou é matemático mesmo. Fiz o mestrado tendo que largar a família aqui e muitas vezes ir de carro para Rondônia, o que causava certa confusão. Mas, graças a Deus, eu defendi minha dissertação. Essa oportunidade de estudos aprofundados em uma nova área era o que eu sempre vislumbrava. Muitos me chamavam de mestre e agora esse chamamento está certo. Apesar das recomendações para que eu continuasse os estudos, não quis fazer um doutorado. Eu achei que ter um mestrado estava bom. Meu negócio é ser chamado de professor mesmo.

Depois, o curso que era híbrido foi, logicamente, consertado. O que estava errado era a sua grade curricular. Quando veio o reconhecimento e a regulamentação do curso pelo MEC ele tinha sido alterado definitivamente para o curso de Sistemas de Informação.

Digo sempre que o mundo vai rodando e vai tornando as coisas cada vez mais difíceis. Anteriormente, quando um professor tinha apenas a graduação, era permitido dar aulas na Universidade. Depois, começaram a exigir pelo menos uma especialização. Hoje, na nossa Universidade, se exige o mestrado para alguém que queira ocupar um cargo de professor, e vai evoluindo para a exigência de um doutorado. Se eu tivesse concluído somente a especialização hoje eu me sentiria frustrado. Por isso que com 50 anos fiz o mestrado, ajudei a consolidar um curso de informática na UFAC e pude atuar com mais segurança e me aposentar mais confortavelmente. A docência na Universidade foi para mim uma coisa espetacular!

Uma forma de contribuir e manter uma relação próxima com a Universidade

A gente poderia pensar em realizar algumas palestras na UFAC. Escolheríamos alguns temas e eu poderia falar sobre eles. A Lógica Difusa é algo que me apaixona muito. A ideia é simples demais, mas temos que esquecer nossa formação em Matemática. Por exemplo, lá a intersecção de um conjunto com o seu complementar, não é vazia, nem a união dá o universo. E isso está fora da lógica Booleana do 0 ou 1.

Nessa lógica está centrada praticamente toda a engenharia dos grandes projetos. Vai desde a construção da máquina de lavar até a construção do trem-bala. Agora podemos falar em velocidades média, alta ou média alta. Também não é só o quente ou o frio, temos agora o meio quente. Essa lógica multivalorada trouxe avanços tecnológicos significativos.

Podíamos preparar uma palestra para contar como ela surgiu: dizem que o cidadão era meio “louco”. Trabalhava num alto instituto de matemática nos EUA e levou uma maçã pra comer durante o trabalho. Deixou-a em cima da mesa que foi vista por um colega que a viu e perguntou: e tua maçã, não vai comer? Aí, ele tirou parte da maçã e comeu. Depois foi perguntado novamente: “tu não vai comer a tua maçã?” Ele então ficou intrigado, porque já tinha comido quase a maçã toda, mas o seu colega continuava chamando o que restava da fruta de maçã. Percebeu que não era mais uma maçã.

Quando montou essa teoria ela continha tanta falha, do ponto de vista matemático, que ele foi expulso do EUA. Ele foi morar na Coreia do Sul. Em função desse teórico matemático, os tigres asiáticos deram uma aula de tecnologia para os EUA. Exatamente através dessa teoria do multivalor.

Considerações finais sobre a área de Matemática e a carreira de professor

Hoje, vejo a Matemática muito fortalecida. Fico assim muito empolgado com as edições das olimpíadas brasileiras de Matemática. Continuo achando que a Matemática é o ponto crucial de tudo. Mas o estudo aprofundado na Matemática especificamente só pode ser realizado por quem está no meio dos grandes pesquisadores.

Uma coisa que ainda me preocupa é a dicotomia que existe entre os estudos realizados na Universidade com o propósito de formar professores de ensinos

fundamental e médio e aquilo que eles futuramente vão ensinar. Em geral, esse estudo não é aplicado, em sua totalidade, nos níveis de ensino que ficam para baixo. No meu tempo, tenho certeza de que não era.

Parece existir um misto de licenciatura com bacharelado. Isso pode nos preparar para o início de uma carreira universitária, mas pode deixar-nos distantes de uma atuação coerente frente a um cargo de professor dos ensinos básicos.

Considero que a estrutura educacional sofre adaptações em função das leis que vão sendo criadas. A área de Matemática vem mudando significativamente para melhor, mas isso também ocorre muitas vezes ao sabor de certos governantes.

Com relação à situação atual da Universidade, ou o Brasil pensa que tudo está centrado na educação, ou nós não vamos avançar. Tudo tem que caminhar com a educação. Neste aspecto, vejo pouquíssima importância sendo dada. Por exemplo, não vejo o porquê de um professor da universidade ganhar menos do que um policial federal, ou qualquer profissional de outra carreira. Porque todos são formados pela academia. Se o professor não ganhar bem, ele vai ensinar mal, e vai formar mal o policial. De todo modo, como é que quem forma aquele policial pode ganhar um salário miserável? Não sei como é que o pessoal encara isso. Podemos citar ainda a delicada situação das pessoas que fundaram ou que estão à frente da ANDES, muitas vezes o próprio Ministro da Educação não recebe os representantes de nosso sindicato! É uma situação muito difícil.

A universidade precisa se fortalecer, não há dúvida, não só por ser universidade, mas porque todos os profissionais vêm dela. Como surgiu um desembargador? Se ele fez pós-graduação, foi lá na Universidade. Hoje eles ganham mil e mil e mil, enquanto nós, umas migalhas.

Na vida, eu me sinto realizado, porque o que eu podia deixar para meus filhos é o estudo. Não temos dinheiro, mas temos as vidas deles todas encaminhadas, e foi pra isso que a gente batalhou na vida.

Se eu pudesse optar entre ter sido professor ou seguir carreira em outro tipo de serviço, escolheria ser professor! Sem dúvida nenhuma! Se algum dia eu fosse mudar meu nome, colocaria “Professor Valmir Saraiva”, pois é assim que a maioria das pessoas me chama. É uma coisa que me conforta. Acho sublime ser

professor. Isso pode não significar nada para muitos, mas para mim é uma “grande coisa”. Se eu exercesse a profissão de engenheiro provavelmente seria um péssimo profissional.

Minha grande paixão agora é a criação de peixes. Mas, uma das coisas que ocorre frequentemente em relação ao trabalho que ainda presto ao Estado do Acre, é que às vezes sou convocado para calcular um percentual de aumento salarial como se isso fosse a coisa mais complicada do mundo. Ainda bem que tenho a formação matemática.

